

A busca do ouro de Cristo: evangelização e destruição

João dos Santos Filho*

Resumo

O presente trabalho busca apreender as questões ontológicas da história que expliquem o interesse da Espanha por Cuba remetendo-nos à lógica do processo de exploração desenvolvido pelos países colonizadores. Esse movimento histórico só pode ser entendido no interior da expansão mercantilista e pela audácia do Capital e sua essência expansionista.

Palavras-chave: Cristianismo, Capital, Cuba, Expansão capitalista, Colonialismo.

Resumen

El presente trabajo busca entender las cuestiones ontológicas de la historia que expliquen lo interese de España por Cuba remetiéndonos a la lógica del proceso de explotación desarrollado por los países colonizadores. Ese movimiento histórico solo puede ser entendido en el interior de la expansión mercantilista y por la audacia del Capital y su esencia expansionista.

Palabras-clave: Cristianismo, Capital, Cuba, Expansión capitalista, Colonialismo.

* Bacharel em Ciências Sociais e turismólogo: Professor da Universidade Estadual de Maringá - UEM. Professor do curso de turismo da Faculdade Nobel: Mestre em Filosofia e História da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Aluno especial do doutorado em ciência do turismo na ECA/USP. Fundador da Associação Brasileira de Bacharéis de Turismo de São Paulo - ABBTUR/SP e do Instituto de Análises sobre o desenvolvimento Econômico Social - IADES.

Recebido em 10/08/2004. Selecionado para publicação em 10/08/2004.

Quanto às cousas que deixo de referir, já disse a razão por que me calo, mas o mesmo não farei acêrca do ouro, pois confirmo com tôda a veemência o que já disse e escreví a respeito, isto é, que me encontro na verdadeira fonte dêsse metal. Os genoveses, os venezianos e todos os povos que possuem pérolas, pedras preciosas e outras cousas de valor, levam-nas ao extremo do mundo para trocá-las, convertê-las em ouro, pois o ouro é cousa excelentíssima; do ouro se originam as riquezas; quem o possui faz o que quer neste mundo, às vêzes basta o seu poder para se mandarem as almas para o Paraíso. (Salvador de Madariaga – Cristóvão Colombo - carta de Jamaica, editora Vecchi, Rio de Janeiro, s/d, p.356)

La acumulación de oro y plata, de dinero, es la primera manifestación histórica de la aglomeración de capital y el primer medio importante para ella. Pero no es todavía, en cuanto tal, acumulación de capital. Para tal cosa sería necesario que los bienes acumulados volvieran de nuevo a la circulación como momento y medio de acumulación. (Carlos Marx - Grundrisse, editora Fondo de Cultura, v.1, p. 124)

Para discutirmos a **singularidade ontológica*** que está contida na história Cubana, devemos iniciar nossa reflexão pelo processo ocorrido junto à civilização ocidental. A ela iremos nos referir entendendo que existe uma anterioridade expansionista latente gerada pelos interesses objetivos do **capital** e do **crístianismo**. Essa marca presente no interior da historiografia mundial e especificamente cubana se apresenta de forma mais transparente quando compreendermos que:

...Os descobrimentos deram nova dimensão ao fenômeno da colonização, e por vezes à sua natureza, mas o expansionismo lhe é anterior...A expansão européia começa com as Cruzadas, primeira expressão do "imperialismo". A tradição ocidental, ao contrário, considera as Cruzadas uma tentativa de reconquistar a Terra Santa do islamismo, que se apossara de uma terra cristã. Assim, de um jeito ou de outro uma história européia da colonização parte necessariamente dessa periferia da cristandade¹.

Essa expansão da racionalidade (também entendida como civilização capitalista) ocidental que na verdade imprime à humanidade a lógica da conquista e da colonização. Segundo o cientista e sociólogo Florestan Fernandes se traduz em uma forma organizada e sistemática de colonialismo

* Entendemos por singularidade ontológica, a especificidade única que possui o objeto em explicitar as propriedades e a existência desse próprio ser.

¹ FERRO, M., História das Colonizações - Das conquistas às independências, século XIII a XX. P.19.

moderno por parte das Coroas de Portugal e Espanha, inseridas no processo de acumulação primitiva do capital. As mesmas enfrentaram de forma contraditória e destruidora as transformações da economia feudal em economia capitalista, buscando junto ao processo das navegações encontrar a salvação econômica e espiritual para os Estados absolutistas.

Segundo Marx, a produção lutava para se constituir em produção capitalista entendendo que as condições dadas deveriam ser objetivadas fora de suas fronteiras territoriais;

As descobertas de ouro e de prata na América, o extermínio, a escravização das populações indígenas, forçadas a trabalhar no interior das minas, o início da conquista e pilhagem das Índias Orientais e a transformação da África num vasto campo de caçada lucrativa são os acontecimentos que marcaram os albores da era da produção capitalista. Esses processos idílicos são fatores fundamentais da acumulação primitiva².

Na verdade a economia colonial implementou o processo de cristalização do modo de produção capitalista, porque conseguiu criar as condições para que o modo de produção feudal fosse negado que segundo Marx, isto ocorreu por meio de "... diferentes meios propulsores da acumulação primitiva...". Destruindo espiritualmente os povos indígenas, impondo a religião cristã e a civilização ocidental e materialmente saqueando o ouro a prata e os recursos naturais, tornando a escravidão também instrumento de acumulação, ou seja, implantando de fato as bases para uma economia de mercado.

Assim, aquilo que poderia parecer mero acaso ou despossuído de qualquer planejamento, como expresso está na historiografia tradicional. Na verdade foram viagens, que apesar do alto patamar de acidentalidade, proveniente da precariedade tecnológica dos instrumentos de navegação da época, foram expressões da intencionalidade "civilizatória" dos homens. Refletindo uma racionalidade decorrente de sua práxis humana pelo trabalho. Mais uma vez, Marx preocupado com as questões ontológicas e não deterministas entende ser o trabalho a categoria explicativa do ser, assim está ele alertando para a importância do ato teleológico, no qual permite dar respostas a problemas que a realidade coloca aos homens.

² Marx, K., O Capital-Crítica da Economia Política, Livro 1, Vol. II, p. 868

Nesse momento o homem está respondendo às suas necessidades primárias e secundárias, colocadas historicamente e produzindo **valores de uso**, independente de todas as formas de sociedade, pois:

O sistema colonial fez prosperar o comércio e a navegação.

As sociedades dotadas de monopólio, de que já falava Lutero, eram poderosas alavancas de concentração do capital. As colônias asseguravam mercado às manufaturas em expansão e, graças ao monopólio, uma acumulação acelerada. As riquezas apresadas fora da Europa pela pilhagem, escravização e massacre refluíam para a metrópole onde se transformavam em capital.³

O entendimento ontológico da categoria trabalho permite essa compreensão, negando as interpretações de base deterministas; colonialismo e neocolonialismo ou aquelas cuja descrição empírica está caracterizada pela *nova história*. Partindo do pressuposto, que toda ação praticada pelo homem, tem uma intencionalidade e como a ideia já estava presente de forma cognitiva.

O indivíduo não pode ser entendido como afirma a história tradicional oficial: escravo das leis da natureza ou do aventurismo epopéico das navegações. Mas sim, com pleno domínio de seus atos e intenções. Os homens fazem a história da humanidade por meio do trabalho, que pode estar caracterizado por ações nem sempre dignificantes, cada época corresponde a estágios diferentes de racionalidades.

A preocupação central do sistema colonial, para com a humanidade pode ser sintetizada naquilo que Marx sempre alertou, **os homens fazem história, mas não o sabem**. Saqueando, destruindo, cooptando ou subornando, estão modificando a realidade e a si mesmo, configurando **formas do existir-determinações da existência**.

Essa marca de racionalidade temporal, traz consigo o significado de civilização, como afirma Marx, no seu texto clássico sobre a Índia:

É bem verdade que, ao realizar uma revolução social no Hindustão, a Inglaterra agia sob o impulso dos interesses mais mesquinhos, dando provas de verdadeira estupidez na forma de impor esses interesses. Mas não se trata disso. Do que se trata é de saber se a humanidade pode cumprir a sua missão sem uma verdadeira revolução a fundo do estado social da Ásia. Se

³Marx, Karl. O capital. Livro1, vol.2, p.871

não pode, então, e apesar de todos os seus crimes, a Inglaterra foi o instrumento inconsciente da história ao realizar essa revolução.

Nesse caso, por penoso que seja para os nossos sentimentos pessoais o espetáculo de um velho mundo que se esboroa, do ponto de vista da história (...)⁴

A luta entre o velho e o novo tem sentido dentro de uma dialética histórica ontológica, onde Marx preocupado com esta questão condenou todos aqueles que de forma oportunista faziam a leitura de suas obras de forma mecânica e idealista. Neste caso, o grande pensador não poupou nem seus próprios parentes, pois em correspondência de Engels para Paul Lafarque em 27 de outubro de 1890, comenta-se que Marx estava preocupado com as várias interpretações incorretas existentes sobre o materialismo histórico. Como também, pelo sinônimo personificado de chamá-lo de marxismo, Engels diz que Marx fez o seguinte comentário: "Todo lo que sé es que yo no soy marxista". y probablemente diria de estos señores lo que Heine decia de sus imitadores: "Sembré dragones y coseché pulgas".⁵

Apesar desta preocupação, aparecem várias interpretações pseudoteóricas desviantes sobre o marxismo que a historiografia mundial acaba incorporando os conceitos de marxismo e marxista. Comprometendo a própria leitura do materialismo histórico, além do que, por motivos mais que conhecidos o mesmo, foi infectado por preceitos positivistas(*) e estruturalistas(**) que impediram uma compreensão ontológica do verdadeiro marxismo.

Portanto, a questão ontológica se constitui em elemento principal para o entendimento do processo de colonização. Na verdade ela permite desgarrar-se das interpretações economicistas de base instrumentalista, que desde o

⁴ K. Marx e F. Engels. Obras Escolhidas., volume1, p. 291, São Paulo.

⁵ ARMAS FONSECA, Paquita. *Moro: El Gran Aguafiestas.*, La Habana, 1989, Cuba, p. 132.

(*) (**). Entendemos por preceitos positivistas e estruturalistas contidas na leitura da obra de Marx, aqueles momentos em que principalmente Stalin por interesse político procurou secundarizar o estudo de Marx e supervalorizar os estudos de Lênin, para na verdade sobressair-se como o único e grande pensador do materialismo histórico. Essa vulgarização aliada a interesses de ordem econômica, favoreceram uns entendimentos mecânicos, lineares e positivo do materialismo histórico. As internacionais se tornaram elementos estimuladores para impor uma camisa de força contra as especificidades dos partidos comunistas locais, negando-lhes autonomia e exercendo um patulhamento ideológico que permanece até hoje enraizado nos partidos comunistas. Hoje a literatura crítica ao marxismo e não a Marx já nos mostra como os preceitos da social democracia foram sendo incorporados pelos partidos e intelectuais de esquerda. Um estudo interessante que trabalha estas questões e a obra de George Lukács.

princípio, as obras de Marx vem sofrendo por parte de seus interpretes, que a transformaram em sinônimo do materialismo histórico. A vulgarização da filosofia, acompanhadas pelo avanço do irracionalismo trazem para dentro do mundo da ciência seu entravamento, dificultando e retardando a compreensão da realidade.

Apesar das categorias econômicas permitirem o entendimento “(...) da produção e da reprodução da vida humana, tornando assim possível uma descrição ontológica do ser social (...)”. As mesmas não podem ser entendidas como uma interpretação do mundo via o econômico, mas sim ontológica onde a categoria trabalho se constitui a determinação central e o homem subordina às forças da natureza ao seu próprio poder. Transformando a natureza e a si mesmo, nesta direção se afasta da referência natural ou como Marx costumava chamar recuo dos limites naturais desenvolvendo a praxis social, isto é, níveis superiores de racionalidade. Neste sentido, a análise ontológica e verdadeira é aquela que parte sempre da totalidade do ser social e retorna a essa mesma totalidade”.

Por entendermos que a essencialidade dos fenômenos sociais requer um tratamento ontológico e não meramente econômico, apesar de ser esta a determinação fundante. Consideramos que processo de colonização, só pode ser entendido quando tratado a luz da ontologia, pois esta neutraliza as interpretações de cunho economicista, imperialista ou de referência terceiro-mundista. Este é o desafio pelo qual nos propomos, analisar e descrever o objeto por nos selecionado, procurando entendê-lo através de uma configuração ontológica.

QUEM ERA CRISTÓBAL CÓLON?

As informações mais seguras sobre Colombo, estão sem dúvida relatadas por frei Bartolomeu de Las Casas, nosso objetivo é situá-lo historicamente na perspectiva de entendê-lo na referência das navegações, do cristianismo e da descoberta de Cuba. Neste sentido, não nos interessa especular sobre sua personalidade, ou inventar histórias dando o tom de romance caricato ou dramático, mas sim entender ontologicamente sua existência.

NAVEGAÇÕES

O desenvolvimento do mundo ocidental, da tecnologia marítima e da independência do homem perante o desconhecido traz um período de imensa expansão civilizatória. Os homens se tornam dono do mundo, destronando o criador e as suas representações civis - eclesiásticas, assumindo a direção da humanidade, conquistando a emancipação social e permitindo alçar novos patamares de racionalidade. Portanto o descobrimento da América não se constitui em um fato isolado, mas é fruto da ação dos homens;

As deduções teóricas e a experiência das viagens haviam dado aos estudiosos e aos exploradores da Idade Média a certeza absoluta de que todos os mares se comunicavam e de que era possível chegar a regiões misteriosas e riquíssimas do Extremo Oriente navegando pelo mar Tenebroso em direção a oeste.⁷

Com o aumento das explorações marítimas e a crise no conjunto da sociedade feudal, há um rompimento com a economia fechada que exige uma verdadeira emancipação da consciência na busca da acumulação de riquezas. Esse processo se refere ao início do capitalismo, onde o ouro, a prata e as imensas áreas continentais começam a dar uma nova configuração econômica, política e social à humanidade. As navegações representam o que há de mais avançado naquele momento, descobrir povos primitivos, conhecer culturas exóticas, ser missionário da conversão cristã, acumular riqueza, conseguir título de nobreza e recuperar a cidade de Jerusalém das garras dos Mouros, são os objetivos mentalizados por Colombo:

(...)y dice que espera en Dios que a la vuelta que él entendía hacer de Castilla, había de hallar un tonel de oro que habrían resgatado los que había de dejar y que habrían hallado la mina del oro y la especiería, y aquello en tanta cantidad que los Reyes antes de tres años emprendiesen para ir a conquistar la casa santa,{{que así-dice él- protesté a Vuestras Altezas que toda ganancia de esta mi empresa se gastase en la conquista de Jerusalén,y Vuestras Altezas se rieron y dijeron que les placía, y Vuestras Altezas se rieron y dijeron que les placía,y que sin esto tenían aquella gana}}. Palavras del Almirante".⁸

Algumas certezas empíricas e intuitivas dão a Colombo forças para ser persistente, convincente e cobiçar sua entrada na nobreza. Com domínio das

⁷ Levene, Ricardo. História das Américas- Descobrimento da América Espanhola- Tempos Coloniais, 1965. P.3.

⁸ Collón, Cristóbal. Los Cuatro Vijos del Almirante y su testamento Testamento., p. 113, 1991.

cartas marítimas e da prática de navegação, acumula um rol de conhecimentos, que lhe permite certa barganha política, junto aos reis de Portugal e Espanha. Seja com interesses múltiplos “aventureiros” e determinado ele está em busca de fama, prestígio social e riqueza.

CRISTÓBAL COLÓN E SUA DETERMINAÇÃO SOBRE CUBA

Iniciamos estas reflexões, com o documento "Capitulaciones de Santa Fé", de 1492, que no nosso entender caracteriza de forma pontual os objetivos mercantilistas do Estado Monárquico Espanhol, como também, de Colombo. Hábil negociador, articulador e sábio vendedor das histórias de existência do **novo mundo**.

A existência deste documento anterior à primeira viagem de Colombo é extremamente importante, clarifica os interesses econômicos da colonização no que se refere à acumulação de capital por parte do rei e seu súdito. Na verdade ficam explícitas as articulações de cunho empresariais/contratuais e profissionais em que ambos estão envolvidos;

" (...) fagan desde agora al dicho D. Cristóbal Colón su almirante en todas aquellas islas y tierras firmes que por su mano e industria se descubran o ganaren en las dichas mares Oceanas, para durante su vida, e después de él muerto, a sus herederos o sucesores de uno en otro perpetuamente,(...) facen al dicho D. Cristóbal Colón su Viso-Rey y gobernador general en las dichas islas e terras (...) y lleve para sí la decena parte de todo ello (...) que en todos los navíos que se armaren para el dicho trato y negociación cada e cuando y cuantas veces se armaren que pueda el dicho D. Cristóbal, (...).⁹

Lutando com imensas dificuldades, Colombo conseguiu fazer prevalecer suas condições contratuais, suas certezas e persistência, refletiam o domínio que ele possuía da cosmografia e cartografia marítima. Permitindo a si, uma super valorização de suas intenções, que lhe elevaria a auto-estima, tornando-o para alguns um ser **predestinado** e para outro amaldiçoado. Nos dois casos fica caracterizado a contradição entre a visão do bem e do mal, que a sociedade aristocrata faz de Colombo, por não ser nobre e classificá-lo como aventureiro.

Suas imposições são: ser agraciado com o título de Almirante, extensivo a seus descendentes; obter os cargos de Vice-rei, governador geral e juiz de todas as

⁹ HORTENSIA, Pichardo. Documentos para la historia de Cuba., 1971, p. 1e2.

terras; receber o dízimo por tudo que for extraído da terra e 1/8 para as despesas da esquadra, como também dos lucros.

As exigências por parte de Colombo eram grandes, o que aumentava ainda mais suas dificuldades perante a nobreza, e por pertencer à família de tecelões, alfaiate e guarda-torres, não lhe era permitida ser ou estar junto à nobreza, a não ser em casos pré-determinados pela corte dos reis católicos, Fernando e Isabel. Esse fato vai determinar toda a sua trajetória de vida, a luta constante contra a inveja e o preconceito social da época.

No outro extremo existe também o interesse da coroa Espanhola, a qual entendia já de muito tempo, que poderia beneficiar-se das **intenções empírico expansionistas*** de Colombo. Em documento de 1487, intitulada pelo pesquisador Ricardo Román Blanco de "pagamento feitos a Colombo pelos reis católicos, antes da descoberta de América", nós leva a acreditar na existência de outros continentes:

Durante os anos de 1487 a 1491, Colombo acompanha a corte e tem várias entrevistas com os Reis, sem, porém, nada resolver. E que a Guerra da Reconquista absorve toda a atenção dos Reis (...) Colombo desiludido com as delongas dos Reis, pretende abandonar a Espanha. Fr. João Perez prontifica-se a escrever a Rainha uma carta cujo conteúdo se ignora. A resposta veio imediata: Fr. João deverá apresentar-se imediatamente no acampamento de Santa Fé. Nessa entrevista o franciscano convence a Rainha e Colombo recebe mais dinheiro para apresentar-se também na corte (...).¹⁰

(*) Entendemos por intenções empírico expansionista de Colombo o fato do mesmo ter tido a oportunidade de:

- 1) Ter nascido, em um dos maiores portos da Itália-Gênova, o qual exercia o controle do Mediterrâneo e onde ocorreu a prisão de Marco Polo quando do seu retorno de Cathay;
- 2) Ler o livro de aventuras de Marco Polo que descrevia as riquezas da China e as especiarias das Índias, bem como, ter ouvido as histórias romanceadas e idílicas sobre as navegações;
- 3) Obter junto à escola Naval de Sagres do Infante Dom Henrique, conhecimentos náuticos para suas futuras navegações;
- 4) Conversar com os reis da Espanha, munido de bússola, astrolábio, e de um manual português para a navegação do mundo;
- 5) Possuir experiência em navegação em 1476 e aventurar-se rumo ao norte, onde afirmou ter visto cadáveres de Cathay (China).
- 6) Viver o espírito da renascença, do Humanismo, do início da ciência moderna e do mercantilismo. O conjunto desses fatos demonstra que Colombo possuía um conhecimento adquirido pela experiência, que lhe capacitava a exigir e ser reconhecido como um homem capaz de dominar os mares e ampliar o mundo. Neste sentido consideramos que suas atitudes de impor certas condições para a realização de viagens eram entendidas e assimiladas pelo Estado Espanhol.

¹⁰ ROMÁN BLANCO, Ricardo. Estudos Paleográficos., 1987, p. 50.

A referência acima ficaria incompleta se nós não incluíssemos uma cópia do **documento original** e sua **transcrição**, pois são elementos importantes para entender o processo histórico da descoberta da América, passando pelos interesses dos setores comerciais e expansionistas da Espanha. Na verdade os reis católicos estavam saindo de uma grande guerra contra os Mouros, recuperando territórios como Granada e fazendo uma limpeza étnica religiosa nas regiões conquistadas. O interesse e apoio posterior da Coroa para com Colombo, não podem ser entendidos, como assim querem alguns autores que fazem inferências de difícil aceitabilidade histórica, de ter havido um romance com a rainha. Essa história camufla a lógica do capital e procura dar aos fatos o calor de interesses humanitários que não estão presentes.

Cristóvão Colombo agora apadrinhado pelos reis de Espanha, parte para suas viagens em busca da fortuna e o reconhecimento da sociedade. Seu primeiro contato com Cuba se deve a uma referência escrita em seu diário em 21 de outubro de 1492, como afirma Guzmán;

La primera relación de Cristóbal Colón y Cuba ha quedado para la posterioridad marcada por la confusión fonética (...) escribió en su Diario de navegación la palabra Colba (...) Los naturales que informaban de las islas grandes más al sur, en su lengua, pronunciaron decenas de veces la palabra Cuba antes de la fecha que aparece escrita.¹¹

Em 23 de outubro de 1492, Colombo afirma que;

Quisiera hoy partir para la isla de Cuba, que creo que debe ser Cipango, segun las señas que dan esta gente de la grandeza de ella y no me deterné más aqui ni * esta isla alrededor para ir a la población, como tenía determinado, para haber lengua con este rey o señor, que es por no me detener mucho, pues veo que aquí no hay mina de oro (...)¹²

Em 26 de outubro;

Dijeron los indios que llevaba que había de ellas a Cuba andadura de día y medio con sus almadías, que son navetas de um madero adonde no llevan vela. Estas son las canoas. Partió de allí para Cuba, porque por las señas que los indios le daban de la grandeza y del oro y perlas de ella, pensaba que era ella, conviene a saber cipango¹³.

Em 28 de outubro, chegando em Cuba o almirante se manifesta;

¹¹ PÉREZ GUZMÁN, Francisco. La aventura cubana de Cristóbal Colón., 1992, p.1

¹² COLÓN, Cristóbal. Los cuatro viajes De Almirante y su Testamento., p. 113, 1991

¹³ Idem, p.47

Dice el almirante que nunca tan hermosa cosa vido, llenode árboles, todo cercado el rio, fermosos y vrdes y diversos de los nuestros, con flores y con su fruto, cada uno de su manera. Aves muchas y pajaritos que cantaban muy dulcemente; había gran cantidad de palmas de otra manera que las de Guinea yde las nuestras, de una +estatura mediana y los pies sin aquella camisa y las hojas muy grandes, con las cuales cobijan lás casas; la terra muy llana.¹⁴

O impacto positivo da tripulação e do almirante ao desembarcarem em Cuba, revela o quanto a beleza natural da ilha e sua população nativa serviram para reforçar a idéia de paraíso do ouro, pedras preciosas e das especiarias. Essa vontade de se tornar rico é a condição **sine qua non**, que os conduziram ao mar, o sonho da riqueza aliado à predisposição de vir a se tornar nobre, formaram os destinos desses homens.

A determinação em busca do ouro e da escravidão indígena, leva Colombo a fazer os seguintes comentários;

(...) que esta gente no tiene secta ninguna ni son idólatras, salvo muy mansos y sin saber qué sea mal ni matar a otros ni prender,y sin armas y tan temerosos (...) porque sin duda es en estas tierras grandísimas sumas de oro, que no sin causa dicen estos indios que yo traigo, que ha en estas islas lugares adonde cavan el oro y lo traen al pescuezo, a las orejas y a los brazos e a las piernas, y son manillas muy gruesas, y también ha pedras y ha perlas preciosas y infinitas especerías (...)¹⁵

A esses interesses de acumulação para o mercado, está em atender às necessidades espirituais da luta pela evangelização todos que tem alma, devem ser preparados para poder consumir. (Os despossuídos devem ser escravizados e tratados como animais) e recuperar os lugares sagrados das mãos dos Mouros. O movimento e vigília do Estado eclesiástico para com a população, recaem em todos aqueles que conseguem fortuna.

Na verdade o processo de colonização se traduz em evangelização e conquista, onde a civilização só pode ser cristã e o restante deve ser erradicado materialmente e espiritualmente. Esse motor de alta destruição histórica que acompanha o desenvolvimento da humanidade é chamado de imperialismo.

¹⁴ Idem, p.47

¹⁵ Idem, p. 59

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARMAS FONSECA, Paquita. Moro: El Gran Aguafiestas., La Habana, 1989, Cuba, p. 132.

COLÓN, Cristóbal. Los cuatro viajes De Almirante y su Testamento., p. 113, 1991

FERRO, M., História das Colonizações - Das conquistas às independências, século XIII a XX. P.19.

HORTENSIA, Pchardo. Documentos para la historia de Cuba., 1971, p. 1e2.

K. MARX E F. ENGELS. Obras Escolhidas, Volume 1, p. 291, São Paulo.

LEVENE, Ricardo. História das Américas - Descobrimento da América Espanhola- Tempos Coloniais, 1965. P.3.

MARX, K., O Capital – Crítica da Economia Política, Livro 1, Vol. II, p. 868

MARX, Karl. O Capital. Livro 1, vol.2, p.871

PÉREZ GUZMÁN, Francisco. La aventura cubana de Cristóbal Colón.,1992, p.1

ROMÁN BLANCO, Ricardo. Estudios Paleográficos., 1987, p. 50.